



Tarifaço dos EUA: o que muda para o transporte brasileiro?

Exportadores correm atrás de alternativas e transportadoras observam oscilações de demanda que mexem diretamente na rotina das operações.

Em julho, o governo norte-americano anunciou sobretaxas de até 50% sobre produtos brasileiros, atingindo cadeias como agronegócio, siderurgia e madeira. O efeito foi imediato: embarcadores anteciparam envios para fugir da nova taxa e, em agosto, alguns terminais já registravam queda no volume de cargas destinadas ao mercado externo.

Pesquisas setoriais apontam que mais de 80% das empresas de logística notaram redução na procura por fretes de exportação. No transporte rodoviário, isso significa frota ociosa, contratos suspensos e pressão sobre os custos fixos das transportadoras.

Reflexos no transporte de cargas

Ainda é cedo para medir o alcance da medida, mas alguns sinais já preocupam:

- **Redução no escoamento agrícola em regiões como Paraná e Minas Gerais;**
- **Terminais logísticos com menos movimentação, especialmente aqueles voltados ao comércio exterior;**
- **Oscilação nos preços de frete, resultado da instabilidade da demanda;**
- **Incerteza contratual, com embarques cancelados ou redirecionados para outros destinos.**

Esses fatores, somados à alta dos custos operacionais e à falta de previsibilidade, exigem atenção extra no planejamento das empresas de transporte.

Temos três possíveis cenários à frente

Antes de se preocupar com os primeiros sinais de retração, vale olhar para o que dizem os especialistas: o setor tem mais de um caminho pela frente e a intensidade dos impactos vai depender de como empresas e governo reagem às novas tarifas. De forma geral, três cenários são projetados:

1. Adaptação rápida:

Exportadores diversificam mercados e a logística se ajusta com novas rotas.

2. Ajuste parcial:

Parte do fluxo é compensada, mas com custos mais altos e margens mais apertadas.

3. Impacto prolongado:

Retração acentuada do transporte para os EUA e concentração de mercado nas mãos de poucos operadores.

Embora ainda não seja possível prever qual cenário vai se consolidar, a experiência do setor em lidar com crises recentes — da pandemia às oscilações cambiais e climáticas — mostra que a logística brasileira tem alta capacidade de adaptação. O desafio está em transformar a pressão externa em oportunidade para diversificação de mercados, revisão de processos e fortalecimento da gestão de riscos.

E agora, como agir?

Diante de um cenário em aberto, o mais importante é não paralisar. O tarifaço exige adaptação rápida, mas também pode abrir espaço para ajustes estruturais que fortalecem o setor no médio prazo. Algumas ações ajudam a manter resiliência:

- **Acompanhe indicadores de mercado:** dados de exportação, câmbio e frete devem orientar decisões de curto prazo.
- **Reforce o planejamento financeiro:** linhas de crédito e renegociações contratuais podem evitar rupturas em períodos de oscilação.
- **Diversifique parceiros logísticos:** apostar em diferentes rotas, portos ou clientes reduz a vulnerabilidade.
- **Invista em visibilidade operacional:** plataformas de monitoramento integradas, como a Torre 360 da AXA, trazem agilidade na resposta e evitam gargalos.

O tarifaço não deve ser visto apenas como obstáculo. Ele também funciona como um lembrete de que choques externos sempre existirão, e que antecipar cenários e estruturar respostas é parte do gerenciamento de riscos.

Números de contato:

Filipe Carvalho (11) 98982-8498

Matheus Silva (11) 91304-9893

Adriano Viana (11) 98845-5502

Email:

axagr.br@axa.com

Gostou dos conteúdos dessa edição? Em breve traremos mais dicas sobre Gerenciamento de Riscos.

